

# A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBITUÁRIO BRASILEIRO NO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO*<sup>1</sup>

LA CONSTRUCCIÓN DISCURSIVA DEL OBITUARIO BRASILEÑO EN EL PERIÓDICO *FOLHA DE S. PAULO*

THE DISCURSIVE BUILDING OF THE BRAZILIAN OBITUARY IN THE *FOLHA DE S. PAULO* NEWSPAPER

**Jonathan Henrique Semmler\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Sônia Cristina Pavanelli Daros\*\***

Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da análise de 2.284 obituários publicados na *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2007 a 2012, com o objetivo de reconhecer as características de estilo, tema e composição do gênero, considerando o enquadramento deste enunciado nas categorias jornalísticas defendidas por Costa (2010) e Marques de Mello (2010), sob as perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) e de Maingueneau (2013). Para tanto, demonstra os resultados obtidos em dois procedimentos metodológicos que visam a elencar, quantitativa e qualitativamente, a estabilização dos elementos da composição, da temática e do estilo deste gênero discursivo e a sua relação com o jornalismo literário. Na investigação, aponta-se que o obituário brasileiro apresenta elementos que permitem comprovar a hipótese de que este enunciado enquadra-se como um gênero jornalístico informativo e utilitário, utilizando-se do diversional como recurso estilístico para amenizar o peso da morte, buscando uma forma de celebração da vida.

PALAVRAS CHAVE: Obituário. Discurso. Gênero discursivo. Gêneros jornalísticos.

---

<sup>1</sup> Este artigo, elaborado em coautoria, fundamenta-se no Projeto de Iniciação Científica "Obituário no Brasil, um gênero para a celebração da vida", desenvolvido por Jonathan Henrique Semmler e orientado pela Profa. Dra. Sônia Cristina Pavanelli Daros em 2013/2014, no Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, S.P.

\* Mestrando em Língua Portuguesa pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGLP/PUC-SP). E-mail: [jonathan.semmler@clq.pro.br](mailto:jonathan.semmler@clq.pro.br).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e professora da Faculdade de Ciências Humanas da UNIMEP. E-mail: [scpdaros@gmail.com](mailto:scpdaros@gmail.com).

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de análisis de 2.284 obituarios publicados en el periódico *Folha de S. Paulo*, entre los años de 2007 a 2012, con el objetivo de reconocer las características de estilo, tema y composición del género, considerando el encuadramiento de este enunciado en las categorías periodísticas defendidas por Costa (2010) y Marques de Mello (2010), según las perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) y de Maingueneau (2013). Para eso, se presentan los resultados obtenidos en dos procedimientos metodológicos que objetivan enumerar, cuantitativa y cualitativamente, la estabilización de los elementos de la composición, de la temática y del estilo de este género discursivo y su relación con el periodismo literario. En la investigación, se observa que el obituario brasileño presenta elementos que permiten comprobar la hipótesis de que este enunciado se encuadra como un género periodístico informativo y utilitario, a la vez que utiliza el periodismo “diversional” como recurso estilístico para amenizar el peso de la muerte, buscando una forma de celebración de la vida.

PALABRAS CLAVE: Obituario. Discurso. Género discursivo. Géneros periodísticos.

ABSTRACT: This paper presents the analysis results of 2.284 obituaries published in the *Folha de S. Paulo* newspaper between 2007 and 2012. The goal is to recognize the stylistic, thematic, and compositional characteristics of the speech genre, considering such characteristics within the Journalistic Categories’ framework from Costa (2010) and Marques de Mello (2010), under the discursive perspective of Bakhtin (2011) and Maingueneau (2013). To accomplish that, results obtained from two methodological procedures were used in order to present, quantitatively and qualitatively, the stabilization of stylistic, thematic, and compositional elements of this specific speech genre and its relation to New Journalism. The investigation pointed out the Brazilian obituary presents elements that confirm the hypothesis of this speech genre as an informative and utilitarian journalism genre that uses New Journalism as a stylistic resource in order to soften the mourning of someone’s death by celebrating the person’s life.

KEYWORDS: Obituaries. Speech. Speech genre. Journalism genres.

## 1 INTRODUÇÃO

O obituário, construído no Brasil como um texto biográfico curto e simples que narra a vida de um indivíduo normalmente não-famoso, mas com um certo destaque em sua comunidade, é recente no país e tem como jornal pioneiro a *Folha de S. Paulo*<sup>2</sup> (doravante Folha). Embora o berço seja o jornalismo diário inglês do século XIX, o obituário tem seu desenvolvimento no *The New York Times*, para onde foi levado durante o século XX.

Apesar de ainda recente no Brasil, alguns jornalistas e pesquisadores começaram a discutir a questão do obituário. Suzuki Jr. (2008), ex-jornalista da Folha e editor da Companhia das Letras, trouxe a primeira contribuição sobre o tema em uma coletânea de obituários do *The New York Times*<sup>3</sup>. Ao concluir o livro, o jornalista engendra no posfácio algumas considerações sobre o gênero trazendo as defesas de obituaristas norte-americanos e ingleses.

Na perspectiva de Suzuki Jr. (2008), em acordo com Alden Withman – pai dos obituários modernos – o obituário não deve ser visto como uma forma de ensaio biográfico ou tributo, mas como um retrato instantâneo do sujeito, no qual se inserem elementos da vida desse indivíduo e trazem o que foi de mais importante para a pessoa obituarizada. Withman não só trouxe uma nova maneira de escrever obituário, como inseriu o obituário *norte americano* na categoria do *New Journalism* por meio de seu método de entrevista<sup>4</sup> e de escrita do texto. Vale lembrar que o jornalista estava ligado a Gay Talese, ícone dessa corrente jornalística do século XX, o que nos permite refletir sobre a hipótese de o obituário brasileiro também ser um gênero dessa corrente jornalística.

<sup>2</sup>Além da *Folha*, os jornais *Zero Hora*, *Jornal de Londrina* e *Diário Catarinense* também publicam o obituário com as características do retrato biográfico do sujeito. Todavia, desconsideramos este *corpus* no presente artigo para propor um foco à *Folha de S. Paulo*, por considerarmos o jornal pioneiro na produção do gênero no Brasil.

<sup>3</sup>Essa coletânea não traz textos selecionados diretamente do *Times*, mas a compilação de outras duas que já apresentam uma antologia de obituários. As seleções utilizadas por Suzuki Jr. são *52McGs: The Best Obituaries from Legendary The New York Times Writer Robert McG. Thomas Jr.*, de 2001, organizada por Chris Calhoun; e *The Last Word: The New York Times Book of Obituaries and Farewells. A celebration of Unusual Lives*, de 1997, organizada por Marvin Siegel.

<sup>4</sup>Withman entrevistava o futuro morto ainda em vida para dar maior veracidade e precisão ao texto. Essa metodologia, embora eficaz, não era a única. Segundo conta o jornalista no livro “*The Obituary Book*”, era realizado um levantamento biográfico para ampliar e fortalecer a composição do texto.

Além de Suzuki Jr (2008), Silva (2009) também se debruçou sobre os obituários em análise comparativo-diacrônica para desenvolver uma monografia. Como metodologia, utilizou um *corpus* em que trazia textos de jornais ingleses, norte-americanos e brasileiros, discutindo a relação entre esses obituários no decorrer de alguns anos. Silva (2009), nesse texto, visa a responder se os obituários contemporâneos são uma forma de celebração ou vulgarização da vida. Hipótese válida, uma vez que os obituários atuais – principalmente os brasileiros e estadunidenses – são compostos de forma mais sucinta, prevalecendo a parcimônia dos elementos narrativos, descritivos e biográficos.

Cimminiello e Tambelli (2012) realizaram um estudo mais consistente sobre o gênero – todavia, sem grandes conclusões – observando em exemplares publicados em 2007 a construção do obituário. Nesse artigo, as autoras decompõem o gênero para compreender a composição e a estabilização, observando se é ainda um gênero em construção. Marocco (2013) também contribui para o estudo desse gênero e discute as diferenças de estilo e composição dos obituários publicados na Folha de S. Paulo e no Zero Hora.

Por sua vez, Martinez (2012, 2013, 2014) esboçou considerações sobre o obituário em relação ao jornalismo literário em textos também publicados em 2007 (e alguns de 2009), ressaltando que o obituário pode ser considerado uma variação do gênero *perfil*. A autora assinala o obituário como “perfil biográfico do morto”, o que, na nossa visão, é uma forma de compreensão arriscada. O obituário é, sem exceção, um gênero fúnebre, enquanto o perfil pode ser biográfico e/ou do morto. O jornal Estadão, por exemplo, publicou um perfil biográfico de José Wilker, logo após a notícia do óbito, em 8 abril de 2014.

Além do trabalho de Suzuki Jr. (2008), podemos considerar a pequena coletânea de obituários elaborada por Serva (2015) com 150 obituários publicados na Folha. Essa coletânea traz uma proposta de catalogação e diagramação similares a de Suzuki Jr, todavia, inserindo apenas os obituários brasileiros.

Em todos os estudos, observamos uma análise restrita a, no máximo, 150 exemplares, trazendo algumas conclusões iniciais sobre o estudo do gênero. Este artigo, por outro lado, considera o gênero *obituário*, publicado na Folha de S. Paulo, um modelo de relato biográfico, como um gênero discursivo, de natureza fúnebre, distinto de outros gêneros que narram uma história de vida ou que noticiam a morte de indivíduos famosos ou anônimos.

Para tanto, apresenta os dados de estudo realizado, o qual utiliza como metodologia de pesquisa o levantamento dos obituários publicados entre 24/10/2007 a 31/12/2012 no acervo digital da Folha (totalizando 2.284 exemplares), a catalogação desses obituários em coletâneas, uma proposta de classificação e a análise de trinta exemplares (selecionados aleatoriamente), embasada por um aporte teórico, explicitado cuidadosamente. O estudo contou, também, com preciosas informações advindas de uma entrevista realizada com um dos obituaristas da Folha, Estêvão Bertoni, em 21 julho de 2014. O levantamento da publicação do gênero em outros jornais brasileiros permitiu comparar a materialização do gênero em outros contextos.

Vale destacar que foram utilizados dois procedimentos de análise: o primeiro, quantitativo, considerou as informações “gerais” do gênero para observar o público obituarizado, o gênero (masculino/feminino) e outras características composicionais (mais/menos literário, mais/menos biográfico). O segundo, qualitativo, observou a construção composicional, temática e estilística do gênero, demonstrando que, como gênero fúnebre e biográfico, precisa de graus diferentes de subjetividade para preservar a história oficial em contato com a família e com os leitores do jornal.

O presente artigo se baseia nos pressupostos teóricos de Marques de Melo (2010) sobre as categorias jornalísticas e busca relacionar o obituário a essas categorias, levando em conta a função básica de ler/descrever o real, a partir da perspectiva discursiva de Bakhtin (2011) e de Maingueneau (2013), para definir tal categorização. Além disso, nosso estudo defende que o gênero analisado aqui, apesar de já ter sido objeto de certas discussões que esboçam algumas propostas iniciais, ainda não é compreendido como enunciado autônomo (no caso brasileiro), com características próprias e função social determinada.

É importante destacar que as pesquisas desenvolvidas sobre obituários pouco consideram como o gênero tem se estabilizado no Brasil e normalmente analisam uma quantidade inferior de exemplares em comparação aos analisados no presente estudo, sobressaindo a concepção do obituário como “variante fúnebre” do perfil, propondo que o gênero seja considerado no Brasil – no

rol do Jornalismo Literário – como ocorre nos EUA, onde o ato de “contar uma história” tem seus recursos potencializados através de uma narrativa mais saborosa, cujo estilo visa romper com os padrões do *lead*, a fim de proporcionar visões amplas da realidade.

A ideia que será defendida é a de que se equacione as relações do obituário com um jornalismo diversional (COSTA, 2010), preservando sua relação com o jornalismo interpretativo e utilitário, valorizando a característica do gênero como uma proposta de construção do retrato instantâneo do morto junto à informação de falecimento, enterro e entes deixados, mas que dá destaque à celebração da vida.

## 2 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Toda sociedade cria formas de comunicação que facilitam as relações comunicativas entre os diferentes indivíduos que nela vivem. Por serem elementos que organizam as mais diversas formas de atividade humana, os gêneros do discurso são considerados práticas sociais enunciativas relativamente estáveis que surgem a partir de uma necessidade discursiva – o que determina a função social desses enunciados.

Bakhtin (2011), em texto clássico sobre a compreensão de gêneros do discurso, defende que todos os campos de atividade humana relacionam-se por meio de formas multiformes denominadas gêneros discursivos. Essas formas se manifestam em enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, a partir de uma relação altamente responsiva entre os interlocutores, estabelecendo assim a sua função social através da finalidade em que são empregadas.

Segundo o autor, toda a compreensão de um enunciado é *prenhe* de sua resposta, já que o enunciador e o coenunciador alteram seus papéis mutuamente dentro da situação comunicativa. Os gêneros são formas complexas e variáveis de comunicação cultural materializadas dentro de um *mutatis mutandis* do discurso escrito e lido. Para Bakhtin (2011, p.272),

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não só espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, em concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes).

Apesar dessa variedade de composição e compreensão, os gêneros do discurso podem ser reconhecidos cognitivamente pelos interlocutores através da tríade categorizada em estilo (recursos lexicais e fraseológicos), composição (construção composicional) e tema (conteúdo temático) que, segundo Bakhtin (2011), são os elementos relativamente estáveis e plásticos que se moldam no gênero mediante à função comunicativa desses enunciados, refletindo as condições e finalidades específicas de cada campo de atividade da língua.

Esses enunciados, de riqueza inesgotável e possibilidades multiformes, integram o mútuo e heterogêneo repertório de gêneros do discurso, criado e ampliado conforme a necessidade que uma sociedade tem de se comunicar. Para Bakhtin (2011), cada enunciado é particular, individual e determinado pelos diferentes campos de utilização da língua. Dessa forma, os gêneros devem ser divididos mediante à sua natureza enunciativa primária e secundária.

O valor ideológico e as possibilidades de construção de um determinado gênero devem ser descobertos e analisados, a fim de determinar se o gênero pertence a uma ou a outra categoria discursiva. Os gêneros primários e mais simples são de natureza pouco variável e menos ideológicos, uma vez que estão ligados a diálogos cotidianos ou a enunciados com pouca variação, como é o caso das certidões de nascimentos, notas fúnebres e lista de óbitos.

Em contrapartida, os gêneros secundários são mais complexos, pois partem de situações comunicativas mais complexas e desenvolvidas no convívio cultural, predominando o meio escrito em seu processo de comunicação. Esses enunciados incorporam e reelaboram gêneros simples e formados em condições imediatas. A compreensão dos gêneros secundários é variável conforme a situação social, já que ela é fator determinante para a natureza enunciativa e para a ação dialógica de responsividade desses gêneros discursivos.

As diferentes características de um gênero podem provocar algumas confusões conceituais sobre o enunciado, já que a relação dialógica dos gêneros é bastante subjetiva. Observando essa questão, Possenti (2012), em artigo dedicado às questões teóricas e metodológicas que envolvem a análise dos gêneros de discurso, destaca que, dentre os métodos a serem testados, é importante ressaltar o conceito de cenografia defendido por Maingueneau (2013).

Para Maingueneau (2013), é fundamental observar o gênero a partir dos discursos que ele concretiza, por ser esse o percurso responsável por estabelecer a cenografia e os papéis sociais do gênero. Na concepção teórica do analista do discurso, cada gênero estabelece os seus papéis sociais em um esforço para construir progressivamente os seus próprios dispositivos de fala e, diante dessa perspectiva, cenografia implica

[...] um processo de *entrelaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente, por intermédio da própria enunciação. Desse modo a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém [...]. O que diz o texto deve permitir validar a própria cena por intermédio da qual conteúdos se manifestam. (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

Este princípio permite articular os teóricos aqui citados para o recorte teórico-metodológico deste estudo. O leitor é quem deve ser considerado na constituição discursiva de um gênero, validando o enunciado por meio de recursos que permitem o sucesso de determinada enunciação no estabelecimento das coerções genéricas. Diante disso, Cavalcanti (2013) propôs uma aproximação teórica entre Bakhtin e Maingueneau para pensar as categorias propostas por esses teóricos refletindo sobre a presença do conceito de gênero discursivo nas reflexões de Maingueneau.

Para Cavalcanti (2013), essas coerções permitem situar o gênero em um espaço enunciativo que o permite ganhar sentido. A cenografia, conceito que interessa para pensar as categorias jornalísticas, não é apenas a imposição de uma forma única composicional, mas do próprio discurso, a partir da finalidade dos gêneros. Segundo a autora, esse conceito aproxima-se na noção de estilo, de Bakhtin (2011), cuja proposta é compreender que os recursos individuais de um gênero permitem manifestar um estilo expressivo individual, comprovando que um gênero discursivo tem caráter maleável conforme a sua finalidade, pressupondo o estilo dentro da relação com o código linguageiro construído na cenografia.

É pela cenografia, considerando o modo de discurso e a resposta desejada pelo leitor, que um gênero discursivo constitui sua significação. Por isso, não se pode deixar de tocar no conceito de categorias jornalísticas defendidas por Marques de Melo (2010) e Costa (2010), cuja proposta assinala que o jornalismo deve ser dividido em diferentes categorias fundamentadas pela função de ler/descrever o real, construindo a proposta do gênero em relação aos fatos e aos leitores dos jornais.

## 2.1 OS GÊNEROS E O ESTUDO JORNALÍSTICOS

A noção de gêneros jornalísticos (MARQUES DE MELLO, 2003 apud COSTA, 2010) deve estar baseada na função básica de ler ou descrever o real, levando em consideração os parâmetros estáveis que indicam os agentes da interação social e os propósitos comunicativos por eles suscitados. Diante disso, os gêneros podem ser organizados em cinco categorias jornalísticas: informativa, opinativa, interpretativa, utilitária e diversional. Costa (2010) concorda com Marques de Mello (2003 apud COSTA, 2010) quando este afirma que uma unidade textual pode ter mais de um propósito comunicacional.

A categoria do jornalismo informativo baseia-se no tripé *objetividade, imparcialidade e veracidade*, cuja fundação ocorre através da maneira como os acontecimentos progridem, e na apresentação dos assuntos e dos fatos narrados à maneira como aparecem na realidade. Todavia, essa categoria pode criar uma dicotomia indesejada com o jornalismo opinativo, cuja constituição acontece através dos textos em que a visão da empresa, da redação e de outros filtros que garantem a cobertura dos acontecimentos se fundem.

Costa (2010) também defende que o jornalismo possa ser praticado dentro da categoria interpretativa, determinada pelos gêneros que exigem um esforço analítico e documental para situar de maneira precisa o cidadão diante dos acontecimentos, entendendo, nesse recurso, o procedimento explicativo. Quanto às categorias utilitária e a diversional, o autor propõe que a primeira se estabelece como uma forma de publicidade que auxilia o consumidor e o jornal enquanto produtores de cultura, com foco para a viabilização de conteúdo de utilidade pública; a segunda visa afastar-se do modo de comunicação da primeira, buscando tornar a narrativa mais atrativa e saborosa para o leitor (WERNECK, 2004, p. 525 apud COSTA, 2010, p. 72).

Segundo Muggiati et al. (1971 apud COSTA, 2010, p. 72), deve-se compreender que o jornalismo diversional relaciona-se ao *New Journalism* (conhecido no Brasil como Jornalismo Literário). O autor afirma que esta categoria tem por objetivo ampliar os recursos jornalísticos implementando os modos de escrita da literatura e da ficção. Normalmente, constituem-se através de gêneros que narram histórias de vidas ou ensaios pessoais que privilegiam as facetas particulares dos agentes noticiosos recorrendo aos artifícios literários, características essas que devem ser levadas em consideração ao pensar na constituição discursiva do obituário e no modo de analisá-lo diante das concepções teóricas do presente estudo.

## 3 O GÊNERO OBITUÁRIO NO BRASIL

Considerando a posição de Costa (2010) sobre a possibilidade de “[...] uma unidade textual carregar em si mais de um propósito comunicativo [...]” (COSTA, 2010, p. 43), pretendemos lançar a ideia de que apesar da possibilidade do obituário poder transitar por diferentes categorias jornalísticas através de uma associação de elementos enunciativos, devido a sua cenografia biográfica e menos noticiosa, o gênero estabelece maior correspondência com os moldes do jornalismo interpretativo e utilitário, ainda que não seja possível negar que ocorra também a utilização de alguns recursos estilísticos do jornalismo literário, como acontece em maior escala nos perfis, nas crônicas e nas minibiografias.

Todavia, antes de afirmar que o obituário pertence a esta ou àquela categoria jornalística, ou defender que parte deste ou daquele gênero discursivo, é necessário observar o gênero enquanto materialidade autônoma de discursos, com cenografia própria e função social definida pelos meios aos quais está discursivamente relacionado. A partir desta hipótese, os procedimentos metodológicos iniciais desta pesquisa foram aplicados para a análise de todos os 2.284 obituários selecionados no acervo digital da Folha de S. Paulo. Com caráter quantitativo, esta análise teve por objetivo reconhecer as características temáticas, composicionais e estilísticas do gênero, considerando o levantamento de dados sobre o gênero dos obituariados (masculino e feminino), a idade e a importância midiática.

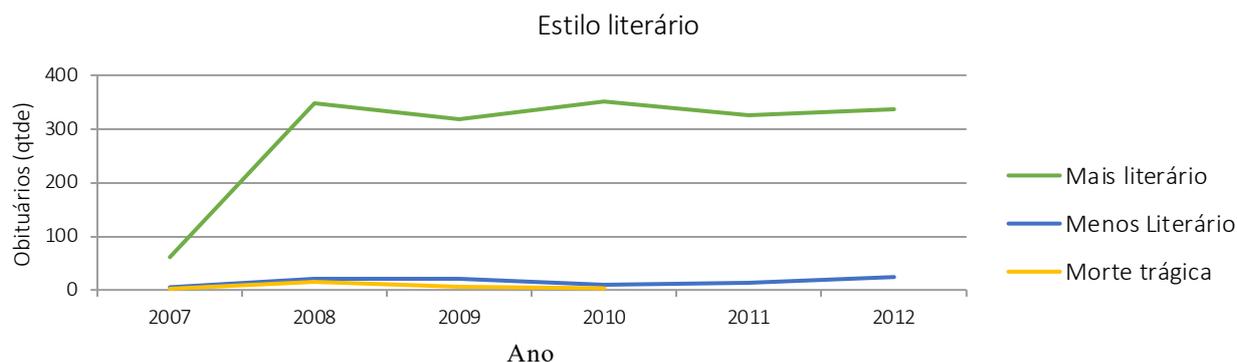
A maior parte do público contemplado pelos obituaristas é de homens, correspondendo a um percentual de 76%, enquanto 24% são de mulheres. Desses 76%, 62% apresentavam fama na área, ou seja, certo reconhecimento midiático no local em que vivia, 31% eram de anônimos e 7% de famosos. Esses dados distanciam a temática do obituário brasileiro do norte-americano, cuja proposta é publicar obituários de pessoas que sejam de interesse nacional pela importância midiática, científica, cultural ou pela relevância dos trabalhos sociais realizados durante a vida.

Um dado bastante interessante observado foi em relação à rotatividade de jornalistas, autores de obituários. O número de obituaristas foi crescente no decorrer dos anos, o que pode demonstrar o fato de a coluna ter se estabilizado como publicação do jornal preservando o estilo literário (Figura 1). É importante ressaltar que a coluna sempre manteve um jornalista fixo e responsável pela escrita da maior quantidade de textos/ano.



**Figura 1:** Análise da rotatividade de obituaristas/ ano  
**Fonte:** Elaboração dos autores (2017)

O estilo e a forma de composição do obituário começaram a ser estabilizados no ano de 2008, tendo sido adotado um toque mais literário, excluindo-se os casos de indivíduos que tenham sofrido morte trágica, de maneira a focalizar uma cenografia que estabelece uma forma de ode à vida dos que partiram. Nesta análise (Figura 2), consideramos como características da literatura a parcimônia das informações biográfico-cronológicas do morto e das notas utilitárias (data da morte, causa, local/data/hora do enterro e missa de 7º a 30º dia etc), ou seja, os elementos que evitam a construção de um texto excessivamente curricular.



**Figura 2:** Análise da literariedade do gênero obituário entre 2007-2012  
**Fonte:** Elaboração dos autores (2017)

De certo modo, o estilo literário colabora para distanciar o obituário da notícia, sem torná-lo uma nota de falecimento expandida. Na Tabela 1, há exemplos de diferentes gêneros publicados na Folha de S. Paulo. Em **Notícia**, publicado em 08 novembro de 2008, é possível observar a utilização do elemento biográfico relacionado ao acontecimento da morte que é noticiado em duas páginas dedicadas à atuação do PCC na cidade de São Paulo. A *causa mortis*, porém, é o tema principal do texto, junto a uma breve nota biográfica sobre a vida do soldado morto a tiros. Dois dias após a morte do soldado, foi publicado um obituário com autoria de Estêvão Bertoni.

Em **Obituário**, publicado em 10 novembro de 2008, também na Quadro 1, a morte – ou a maneira como o obituariado morreu – não é foco do gênero, o que faz a história de vida se tornar o tema ao qual se anexam informações profissionais, familiares e pessoais do morto, dentro dessa cenografia biográfica e celebrativa. A falta de ênfase à morte determina que o estilo do obituário está mais voltado à história de vida do que à informação do óbito, sendo esta apenas um elemento final do texto. Os dois exemplares, em comparação, permitem ilustrar as diferenças composicionais, estilísticas e temáticas de ambos os gêneros.

**Quadro 1:** Comparação entre a notícia de falecimento e o obituário de Ailton Tadeu Lamas

Notícia (08/11/2008)

## Soldado morto por ladrões era conhecido como ‘parteiro da PM’

DA REPORTAGEM LOCAL

O parteiro da Polícia Militar. Era assim que os outros policiais militares da zona norte de São Paulo conheciam o soldado Ailton Tadeu Lamas, morto a tiros ontem quando tentava prender alguns dos ladrões que roubaram a agência do banco Real do centro de Guarulhos.

Ao longo de 22 anos de carreira na Polícia Militar, Lamas ganhou notoriedade por ter conseguido a incrível marca de auxiliar 14 mulheres a darem à luz em bairros pobres da zona norte, inclusive no Jardim Tremembé, onde ele morreu ontem.

Ailton Lamas virou soldado da PM em 1986 e atualmente estava na 3ª Companhia do 43º Batalhão, responsável pelo atendimento à população de uma área bastante pobre da zona norte –na divisa com Guarulhos.

Em março, quando foi homenageado por conta dos partos que fez, Lamas deu a seguinte declaração ao “Diário Oficial” sobre uma das primeiras ações como parteiro: “Naquele dia ocorreu um acidente terrível

aqui na região e eu estava sozinho. Quando recebi a ligação, corri para o local e consegui ajudar a mulher. O parto foi complicado, pela posição do bebê. Respirei fundo, mas no final deu tudo certo e nasceu um garotão”, disse, orgulhoso.

### Filhos

Na mesma entrevista, ele lembrou até o endereço da casa do primeiro parto: “Recebemos o chamado do 190 e, quando chegamos à rua Bernardo Fonseca Lobo, na Vila Albertina, no Morro do Piolho, o bebê já estava nascendo. Não tivemos tempo para colocar a mãe na viatura, um Opala, e realizamos o parto na residência. Fiquei nervoso, mas lembrei dos ensinamentos de pronto-socorrimento que recebi no Centro de Formação de Soldados e o bebê nasceu bem”.

Por conta do trabalho, ironicamente, Lamas não pôde assistir ao parto dos dois filhos. “Nas vezes em que minha mulher foi para o hospital eu estava de prontidão. Quando chegava lá, meus filhos já haviam nascido”, disse o soldado, em março deste ano. (AC)

Obituário (10/11/2008)

AILTON TADEU LAMAS (1964-2008)

## O PM parteiro e o pagode em velório

ESTÊVÃO BERTONI  
DA REPORTAGEM LOCAL

Houve uma reunião de familiares e amigos naquele agosto de 2003. Partiu do policial militar Ailton Tadeu Lamas a iniciativa de puxar o pagode. Até aí, tudo normal.

De festa, porém, o encontro não tinha nada: era um velório. Um câncer no esôfago havia matado o sogro do policial, aos 62 anos.

Enquanto o corpo era velado, no cemitério da Cantareira, em São Paulo, Ailton juntou alguns amigos, também PMs, e os levou para os fundos do local. Lá, começou a cantoria, para satisfazer um desejo que o próprio sogro havia manifestado.

Era fanático por pagode, fã de grupos como Fundo de Quintal, Exaltasamba e Revelação. Tanto que, na sexta, quando morreu, aos 44, baleado na cabeça após confronto com bandidos que roubaram um banco em Guarulhos, tinha um samba marcado no Cumbuca, boteco que freqüentava no Tre-

membé, zona norte de SP.

No batalhão, além de ter ficado conhecido como o “PM parteiro”, por ter ajudado em 14 partos, era também o Carcaça, pelo físico franzino. Para os sobrinhos, era o tio Ito. Na infância, foi o Barata no bairro onde morava.

Antes de entrar para a polícia, há mais de 22 anos, Ailton era encarregado pelos frios num supermercado que já não existe. No trabalho, conheceu a mulher, então repositora de produtos.

No seu velório, não houve pagode, mas a camisa do São Paulo estava sobre o caixão. Apaixonado pelo tricolor, apostava que o time seria campeão brasileiro neste ano. “Já preparava a comemoração”, lembra o sobrinho, que quer ser policial.

Ao ser questionada se o pai costumava lhe dar presentes, a filha Aline, 13, respondeu: “Meu presente era ter ele comigo”. Ailton deixa viúva e dois filhos. Suas córneas foram retiradas para doação.

obituario@folhasp.com.br

Fonte: SOLDADO... (2008) e Bertoni (2008)

O foco do texto é o que acontece no decorrer da vida do indivíduo e a interpretação dos fatos à maneira como ocorreram na realidade são importantes para a construção do gênero, uma vez que a história de vida precisa manter um contrato de fidelidade com a “história oficial” do morto, excluindo qualquer “intenção” de escrita ficcional.

A cenografia do obituário constitui-se de modo simples, como uma conversa casual entre amigos, uma lembrança de quem foi essa pessoa, uma memória efemeramente preservada no jornal. Como se observa, o foco para a vida do obituariado e o destaque para o lado pessoal, profissional e familiar distanciam o obituário das notas de falecimento, cujos elementos composicionais e temáticos são pouco flexíveis, ou seja, no caso da Folha de S. Paulo, apresenta-se o nome do morto em negrito, a idade, a data do falecimento, os parentes deixados e o local do enterro, o que pode ser observado na coluna **Mortes** apresentada abaixo (Figura 3).

## MORTES

ADONE FRAGANO (1923-2014)

### Viveu cercado por ‘italianidades’

DE SÃO PAULO

Adone Fragano era um paulistano que passou a vida cercado por “italianidades”. Viajou diversas vezes à terra natal de seus pais a trabalho e era casado com uma filha do “país da bota” —curiosamente, uma prima.

Maria chegou ao Brasil aos 17 anos para morar na mesma casa do futuro marido, pois suas mães eram irmãs por parte de pai. Casaram-se dois anos depois.

Enquanto construía uma família, Adone dedicou-se ao cinema. Em 1955, criou a Paulistânia Filmes, em socieda-

de com um casal de italianos ligados à cinematografia, produzindo os filmes “O Pão Que o Diabo Amassou” e “Macumba na Alta”.

Foi ainda distribuidor de filmes (viajou diversas vezes à Itália para comprar películas) e produtor de cinema —é considerado o primeiro do país. Trabalhou como executivo em empresas como a Paris Filmes até fundar a sua própria, a Olympus Filme, em 1980, no mercado até hoje.

Adone foi responsável por distribuir produções que fizeram grande sucesso no Brasil, caso de “Marcellino Pane e Vino” (1955) e “King Kong”

(1976). Foi premiado diversas vezes como cineasta. Apreciava as obras de Vittorio De Sica e Michelangelo Antonioni. Também demonstrou talento no esporte, colecionando medalhas na esgrima.

Gostava de acompanhar jogos de futebol e tênis e de fazer ginástica e caminhadas.

Morreu na segunda (29), aos 91 anos, de falência de múltiplos órgãos. Deixa Maria, dois filhos, cinco netos e uma irmã. A missa do sétimo dia será na terça (6), às 19h, na paróquia São Dimas, na Vila Nova Conceição.

coluna.obituario@uol.com.br

**EGBERTO MONTEIRO DE BARROS** - Aos 94, em 31 de dezembro. Deixa a mulher Helena, os filhos Helena Maria e Cícero, a nora Ivone e os netos Fernando, Renato e Alice. Cemitério São Paulo.

**LUIZ VALDSTEIN** - Aos 81, casado com Raísa Valdstein. Deixa as filhas Suely, Simone, Paulette, Gisele, o irmão Moyses, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

**ROSITA KAHN** - Aos 72. Deixa os filhos Ranan, Ziva e Itamar, a irmã Amalia e netos. Cemitério Israelita do Butantã.

**SABINA FRANKEL** - Aos 93, viúva de Biniamin Frankel. Deixa os filhos Abrão Elias e Tamara, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

**7º DIA**  
**ANA LAURA AMARO CARPINELLI AMORIM** - Amanhã (3/1), às 9h, na paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, av. Dr. Arnaldo, 1.831, Sumaré.

**ANTONIO ATALLA** - Amanhã (3/1), às 11h, na paróquia São Dimas, r. Domingos Fernandes, 588, Vila No-

va Conceição.

**CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY** - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia de Santa Tereza, praça Irmã Maria Clara Neumaier, em São José do Rio Pardo (SP).

**DORA MORAES DE OLIVEIRA CARNEIRO** - Hoje (2/1), às 18h30, na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, atameda dos Piratinins, 679, Planalto Paulista.

**ELZA SOARES DE VILHENA MORAES** - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia São João de Brito, r. Nebraska, 868, Brooklin.

**HED ARRUDA CAMARGO** - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Sagrada Família, r. Padre Rodolfo, 28, Vila Ema, em São José dos Campos.

**LAURA FRAGA DE ALMEIDA SAMPAIO** - Amanhã (3/1), às 10h45, na capela das Irmãs de São Pedro Fourier, r. Juarez Távora, 335, Mourumbi.

**1º ANO**  
**WALDEMAR NEDDERMAYER BELFORT MATTOS** - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Assunção de Nos-

sa Senhora, al. Lorena, 665, Jardim Paulista.

#### SERVIÇO

**VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP:**  
tel. (11) 3247-7000  
e 0800-10-9850  
fax (11) 3242-1203

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

**ANÚNCIO PAGO NA FOLHA:**  
tel. (11) 3224-4000  
segunda à sexta, das 8h às 20h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

**AVISO GRATUITO NA SEÇÃO:**  
tel.: (11) 3224-3505 ou  
(11) 3224-3305  
e-mail: necrologia@uol.com.br  
até às 15h, ou até às 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a checagem das informações. Aos domingos, ligue para (11) 3224-3602, das 15h às 18h.

Figura 3: Em vermelho, a coluna de notas de falecimento ao lado do obituário, em azul. Ambas na seção Mortes da Folha.

Fonte: VIVEU... (2014)

O tema do obituário é, portanto, a narrativa dos eventos importantes da vida de um indivíduo cuja morte tenha ocorrido até trinta dias antes da publicação do texto. O estilo, maioritariamente, é literário – o que deixa a leitura do texto mais leve, interessante e casual – embora não se utilize em excesso as figuras de linguagem ou os elementos ficcionais que possam comprometer o sentido do texto dentro de seu caráter linguageiro de celebração da vida. A interpretação e a análise dos dados após a entrevista com os familiares do morto constituem o material a ser trabalhado para o resultado final da escrita. É importante lembrar que o obituário, atualmente, é distribuído em até três colunas no final da página, agregado à seção específica para informes de falecimento.

Foi possível observar que o obituário estabelece-se no jornalismo interpretativo, o que pressupõe a análise e a interpretação dos dados levantados para serem inseridos no texto, trazendo uma cenografia do Literário no que tange à escrita mais leve com economia de informações excessivamente biográficas ou noticiosas, o que o diferencia da notícia e das notas fúnebres. Além disso, há uma grande confusão que relaciona o obituário ao perfil, à minibiografia ou ao resumo biográfico, fator que pode comprometer a compreensão do obituário como gênero discursivo autônomo.

Tanto o perfil quanto a biografia fazem parte do Jornalismo Literário, corrente jornalística que visa a uma ruptura nos padrões informacionais, trazendo uma escrita com mais verossimilhança à realidade. Porém, embora o obituário possa, nos EUA, ter sido fruto dessa corrente jornalística desde a década de 1960, no Brasil, o obituário se relaciona melhor com as categorias do jornalismo informativo e utilitário, podendo trazer elementos e recursos estilísticos do Literário.

Por isso, considerando uma análise com viés qualitativo, foi possível observar a proposta de Suzuki (2008) e Stefanelli (2013) em considerar o obituário como uma ode à vida, um gênero discursivo ligado à morte como atividade humana, fazendo dela a matéria prima para a produção do sentido.

No obituário de André Godim Pereira (Figura 4), por exemplo, escrito por Estêvão Bertoni, é possível observar a maneira como a seleção dos eventos importantes é inserida de forma interpretativa, como um retrato “fiel” à vida do obituariado, em tom de celebração e sem juízos de valor explícito. A narrativa, com uma simples projeção literária, propõe uma sucessão de fatos ambientados no cotidiano de Godim. No texto, é possível notar que o foco é a família e, principalmente, a paixão pelo computador, sendo esse um dos fatos marcantes da vida do obituariado, junto à descoberta da doença.

ANDRÉ GONDIM PEREIRA (1982-2011)

## O computador e o transplante

ESTÊVÃO BERTONI  
DE SÃO PAULO

O primeiro contato de André Godim Pereira com um computador foi aos sete anos, quando vivia em Rondônia.

Natural de Campina Grande (PB), o filho de um professor universitário com uma funcionária pública mudou-se para o Norte porque os pais arrumaram emprego por lá.

Aos 13 anos, voltou para sua cidade natal. Como vivia em casa, preso ao oxigênio, passava o tempo todo com os olhos grudados no monitor.

A paixão pelo computador o fez se formar em sistema de

informação e a se tornar o maior tradutor no Brasil do Ubuntu, sistema operacional gratuito baseado em Linux.

Aos 21, mudou-se para Porto Alegre (RS), pelo status da cidade como referência em transplante de pulmão. A mãe, Vânia, conseguiu transferência da Universidade Federal de Campina Grande para a do Rio Grande do Sul.

André recebeu o diagnóstico aos sete anos, na mesma época em que descobriu o computador: nascera com fibrose cística, uma doença genética que ataca os pulmões.

A mãe, durante os tratamentos, jurou fazer de tudo

para ver o filho adolescente e conseguiu. Depois, na festa de 15 anos, prometeu que veria o menino ficar adulto.

Em outubro de 2008, depois de um ano e dez meses na fila, o rapaz conseguiu um transplante. Com uma vida nova, casou-se com uma moça que conheceu na Paraíba, formou-se, trabalhou, passou a cozinhar, viajou para a Europa e até mergulhou no mar.

Era descontraído o tempo todo e nunca se queixava.

Começou, porém, a ter rejeição ao órgão transplantado. Entraria na fila de novo. Morreu na quinta (3), aos 29. [coluna.obituario@uol.com.br](mailto:coluna.obituario@uol.com.br)

Figura 4: Obituário de André Godim Pereira, com autoria de Estêvão Bertoni.

Fonte: Bertoni (2011a)

Considerando uma análise taxionômica do gênero, como proposto em Costa (2010), pautada numa aproximação com as concepções discursivas de Bakhtin (2010) e Mainguenu (2013), é possível – na nossa visão – inserir o obituário nas categorias jornalísticas informativa e utilitária, pressupondo a concepção de Costa (2010) de que os gêneros jornalísticos partem da função básica de ler/descrever o real. A cenografia da celebração da vida e o estilo dos textos tendem a inclinar o gênero para o jornalismo diversional (literário/*New Journalism*) na medida em que se propõe a uma história de interesse humano, como também exigirá, em certa medida, as habilidades do jornalismo interpretativo para a produção do texto.

Na escrita do texto, como informa Bertoni (*e-mail*<sup>5</sup>), o processo de seleção do morto, o levantamento de dados, a entrevista com os familiares, a interpretação dos dados, os elementos coletados e a produção do obituário duram cerca de cinco horas. Algo bastante diferente do perfil, das biografias e dos obituários norte-americanos (que, nesse caso, levavam uma vida toda de pesquisa relacionada ao morto).

Com o uso de elementos que informam a causa da morte e os familiares deixados, o gênero não se exclui da esfera do jornalismo informativo, adotando um leve grau de objetividade na narrativa do texto. Ao indicar o local do evento, o velório ou a missa de 7º e

<sup>5</sup> Em 21 jul. 2014, realizamos uma entrevista por e-mail com o jornalista Estêvão Bertoni, da qual extraímos a informação.

30º dia, não apenas presta um serviço ao público que se interessa sobre a informação dos óbitos ocorridos no período próximo à data da publicação, mas também ao jornal, como forma de propaganda gratuita que traz um público maior de leitores para o jornal.

O obituário não deixa de ser uma história saborosa, todavia é diferente do perfil por optar por indivíduos anônimos ou com reconhecimento local. Além disso, o “estar morto” é fundamental para que seja possível a construção temática do gênero, afinal, como destaca Suzuki (2008), o leitor, ponto base dessa relação dialógica do discurso, já conhece o final dessa história antes mesmo de começar a lê-la.

A nota de falecimento pode ser considerada como um gênero primário com informações elementares, já que indica exclusivamente a idade do morto, a data do óbito, os entes deixados e o local de enterro, cremação, velório, etc. O obituário, em contrapartida, traz como tema elementos da vida do indivíduo, em estilo de conversa, narrando os feitos, desejos e realizações pessoais do morto, como no obituário duplo (mais incomum) de Roberto Pires de Jesus e Alex Damaceno de Souza<sup>6</sup> (Figura 5), também escrito por Estêvão Bertoni.

ROBERTO PIRES DE JESUS (1975-2011) E ALEX DAMACENO DE SOUZA (1984-2011)

## Duas vidas interrompidas na marginal

ESTÊVÃO BERTONI  
DE SÃO PAULO

No dia 10 deste mês, Alex Damaceno de Souza, 26, foi contratado pela A Tonanni Construções e Serviços Ltda.

Oito dias depois, Roberto Pires de Jesus, 36, conseguiu na empresa que presta serviço para a Prefeitura de São Paulo o mesmo emprego que ele: ajudante de jardinagem, com um salário de R\$ 610,40.

Alex, filho de pai pedreiro e mãe desempregada, era na-

tural de São Paulo e morava com os pais e um irmão na Freguesia do Ó (zona norte).

Na mesma região vivia Roberto, um baiano de Ilhéus filho de um motorista e de uma dona de casa. Desde que seu barracão pegou fogo há um ano, morava numa casa de um cômodo no Jd. Carumbé, na Brasilândia, com mulher, três filhos, nora e netinha.

Alex, que trabalhara antes montando tubos de papelão, era também pai. Gabriel, o fi-

lho, tem quatro anos. Suspeitava que o segundo, de uma “aventura” recente, estivesse a caminho, conta um irmão.

Roberto conheceu a mulher, Marineide, em Ilhéus, quando ela já tinha um filho. Ex-funcionário de uma loja de ferragens, criou o garoto com se fosse seu. Migrou há 15 anos, e nunca mais voltou à Bahia para rever os pais.

Alex também não via mais um parente: o irmão gêmeo, Alexandro, que cumpre pena

por porte de entorpecentes, foi transferido para o interior.

Extrovertido e alegre, como é descrito pela família, Roberto gostava de funk e reggae. Nos domingos de folga, jogava bola com os amigos.

Alex é visto de forma parecida: um brincalhão que só fazia gracinha. Fã dos rappers Snoo Dogg e Negra Li, adorava andar de bicicleta e ir às peladas no Cingapura.

Nenhum dos dois concluiu os estudos. Ambos tinham

apelidos semelhantes: Roberto era chamado de Nego Leco ou Negão; Alex de Nego.

O baiano falava em retornar a Ilhéus; o paulistano sonhava em comprar uma casa para mãe e uma motocicleta.

Quando os dois conseguiram emprego (para fazer a limpeza dos canteiros da marginal Pinheiros), mostraram às famílias o uniforme novo, com orgulho. Estavam felizes.

Alex e Roberto se conheceram há pouco e ficaram amigos; viviam contando piada.

Na manhã do sábado (22), dia em que Alex completou 12 dias no serviço, e Roberto,

quatro, a Hilux dirigida em alta velocidade pelo gerente de banco Fernando Mirabelli, 32, arrastou os dois pela marginal. Segundo a polícia, o motorista admitiu ter bebido.

Mirabelli foi solto após pagar fiança de R\$ 50 mil, quantia que cada um dos dois só conseguiria juntar depois de quase sete anos de trabalho.

O pai de Roberto, que nunca tinha vindo a São Paulo visitar o filho, pegou um voo correndo para enterrá-lo. A dupla foi sepultada na segunda-feira, no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, em SP.

coluna.obituario@uol.com.br

Figura 5: Obituário de Roberto Pires de Jesus e de Alex Damaceno de Souza, com autoria de Estêvão Bertoni.

Fonte: Bertoni (2011b)

O obituário é necessariamente ligado à morte como atividade humana, sendo ela condição base para a construção da cenografia e do estilo como código linguageiro que concretiza o discurso de celebração da vida. É através dessa relação com o fúnebre que o obituário tem validade e permite a materialidade dos seus conteúdos, diferenciando-se do perfil. Em outras palavras, o obituário se restringe à seção de Mortes, enquanto o perfil costuma aparecer em cadernos de Cultura e Diversidades, em situações específicas, perfilando indivíduos com reconhecimento na mídia e na área em que atuam.

<sup>6</sup> Devido ao layout da página, optamos adaptar o tamanho do texto dividindo-o ao meio. No original, é composto por seis colunas, tamanho incomum para o obituário brasileiro, o qual se estabeleceu com, no máximo, três ou quatro colunas.

Outra característica é a periodicidade. O obituário na Folha é uma publicação diária e, devido a isso, estabilizou-se rapidamente e conquistou um público cativo de leitores, obtendo, em 2008, o seu formato atual e mais estável. Além disso, a interpretabilidade dos dados e a relação com uma cenografia do literário são importantes para tornar o texto mais agradável, amenizando o peso das notícias e as tragédias corriqueiras das reportagens diárias.

Vilas Boas (2002, p.93), ao trazer algumas discussões sobre o gênero perfil, o determina como

[...] um texto biográfico curto [...] publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaços físicos, épocas, feições, comportamentos intimidades, etc) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer).

O perfil mantém certa similaridade com o obituário, pois ocorre dentro da esfera do jornalismo interpretativo, cuja proposta é narrar uma boa história de vida em narrativas curtas que retratam momentos da vida das pessoas (VILASBOAS, 2003 apud COSTA, 2010) e também não deixa de ser uma história de interesse humano. O que se observa é que o perfil traz uma redação mais aprofundada sobre a caracterização de um indivíduo, elencando descrições mais verossímeis de diversas categorias. No perfil de José Wilker (Figura 6), publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 8 de abr. 2014, temos um exemplo do que pode ser considerado um “perfil biográfico do morto”.

## PERFIL

# Se transformou em artista completo

Transitou com sucesso pelo cinema, teatro e TV; nascido em Juazeiro do Norte, chegou ao Rio aos 19 anos, na época do Golpe Militar

**Luiz Carlos Merten**  
**Roberta Pennafort**  
**Mônica Ciarelli / RIO**

Existem atores que se tornam ícones. Hollywood sempre foi pródiga nisso. A rebeldia de Marlon Brando, o rosto esculpido na pedra de John Wayne e Gary Cooper, o sorriso cínico de Clark Gable. São tantos exemplos. José Wilker morreu ontem pela manhã, no Rio. Morreu de enfarte,

durante o sono. Havia ficado até tarde, conversando e rindo com amigos como Ary Fontoura. José Wilker! Pense nele e as imagens virão no seu inconsciente. É o que constrói os ícones, os mitos.

Vadinho em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto, ao lado de Sônia Braga. Lordê Cigano em *Bye-Bye Brasil*, de Cacá Diegues, ao lado de Betty Faria, a Salomé. Foram muitos trabalhos no cinema, no teatro e na televisão.

Wilker foi melhor ator da Associação Paulista de Críticos de Artes na categoria TV, pela novela *Fera Feroz*. Foi melhor ator no Festival de Gramado como *O Homem da Capa Preta*, de Sérgio Rezende. Criou bordões inesquecíveis – chamava de “pe-

ladinha” a intimidade de *Dona Flor*. Cearense de Juazeiro do Norte, descobriu o amor à arte pelo rádio. Quando tinha 13 anos, seus pais se mudaram para Pernambuco, onde ele começaria a trabalhar como radialista e ator. Idealista, e já interessado em política (dizia-se comunista ainda na infância), fazia peças pelo Estado, difundindo as ideias revolucionárias do pedagogo Paulo Freire entre trabalhadores rurais e operários.

**Começo.** Foi para o Rio aos 19 anos, exatamente há 50 anos, chegando à cidade justamente na época do Golpe Militar de 1964. Na capital fluminense, começou no cinema e no teatro, para depois ir para a TV. Envolveu-se em espetáculos de vanguarda, como *A Ópera dos Três Vinténs*, de Bertold Brecht, e *O Rei da Vela*, do Grupo Opinião, ambas em 1971, e em montagens do Teatro Ipanema.

Wilker estudou Sociologia na PUC do Rio e norteou suas escolhas iniciais por seu engajamento. Esteve em peças-ícone dos anos 1970, como *Hoje é dia de rock e*

*Hair*, que discutiam as mudanças na sociedade da época e ecoavam os anseios da juventude do mundo todo por mais liberdade e menos guerras.

Ele trabalhava numa peça de Gil Vicente, no Rio, quando foi intimado a substituir um ator no filme que Cacá Diegues rodava em Diamantina, Minas Gerais. Nem conhecia o diretor, mas foi. O filme era *Xica da Silva*, com Zezé Motta e Walmor Chagas. O cinema já estava em sua vida desde que apareceu, sem crédito, em *A Falecida*, de Leon Hirszman. Fez grandes e pequenos papéis em *El Justiceiro*, de Nelson Pereira dos Santos; *Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite; *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andra-

de. Com Cacá, seguiu fazendo *Bye-Bye Brasil*, *Trem para as Estrelas*, *Dias Melhores Virão*, *O Maior Amor do Mundo*.

Lordê Cigano foi criado pelo diretor, mas o ator somou tanto ao personagem que Cacá hoje diz que houve uma coautoria. *Bye-Bye Brasil* foi um grande êxito, não só no Brasil. E o que dizer de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto? Até ser destronado por *Tropa de Elite 2*, de José Padilha, foi o maior sucesso de público do cinema no País.

**Oscar.** Gostava tanto de cinema que virou comentarista do Oscar. Ainda se arriscou como crítico, assinando uma coluna semanal sobre o assunto no *Jornal do Brasil*, e como comentarista em programas na TV a cabo.

Pergunte aos artistas que trabalharam com ele. Todos vão destacar ainda o humor de Wilker. Era autoirônico. Brincava com o próprio ego. Reconhecia dever isso aos grandes atores da chanchada, que foram seus mestres – Oscarito, Grande Otelo, José Lewgoy.



**NA WEB**  
**Carreira.** Veja galeria de imagens que retratam os trabalhos do artista

[estadao.com.br/e/josewilker](http://estadao.com.br/e/josewilker)

Figura 6: Perfil de José Wilker publicado no caderno Metrôpole do jornal O Estado de São Paulo.

Fonte: Marten, Pennafort e Ciarelli (2014)



Sempre vinculado aos gêneros fúnebres e com função de informar (como serviço) a morte de um indivíduo, celebrando seus feitos durante a vida, o obituário mantém seu caráter utilitário e celebra a vida de um determinado indivíduo através de um relato bastante sintético e, no caso do Brasil, em cerca de 100 linhas, o que concretiza seu formato de jornalismo interpretativo, com algumas características de diversional/literário.

Os discursos que envolvem o jornalismo interpretativo e utilitário são utilizados em busca da celebração da vida, tema que se constrói através do obituário. Withman (1971), pai do obituário moderno, sublinha que o obituário não é uma biografia, um ensaio acadêmico ou um tributo, mas um retrato instantâneo do sujeito, ou, então, “[...] uma visão rápida do sujeito, de suas conquistas, de suas riquezas, de seu tempo [...]” cuja força se obtém por demonstrar com extrema singularidade cada existência humana (WITHMAN, 1971 apud SUZUKI, 2008, p. 297).

#### 4 CONCLUSÃO

Este artigo analisou o gênero obituário considerando o seu modo de construção no jornal *Folha de S. Paulo*. Diante disso, constatou que o obituário, embora se utilize da morte como ponto de partida do texto e se envolva na esfera do jornalismo informativo e utilitário, carrega alguns traços do jornalismo interpretativo e literário (diversional) que possibilitam ao leitor, de imediato, enquadrá-lo nos moldes desta corrente jornalística.

Observou que o obituário brasileiro se distingue de gêneros do discurso como perfil e biografia, textos comuns do jornalismo literário, por ainda trazer as informações e *causa mortis* das notas de falecimento. Não apenas por isso, demonstrou que o obituário não se constrói em uma narrativa tão elaborada quanto a das biografias e dos perfis<sup>7</sup>, estabelecendo-se no Brasil como um gênero que visa à celebração da vida do sujeito que está sendo retratado, utilizando com parcimônia os recursos da literatura.

Além disso, reconheceu que o gênero não pode ser completamente desconsiderado do rol do Jornalismo Literário (diversional), já que insere alguns recursos narrativos visando a uma narrativa saborosa do texto que, apesar de não utilizar os modos ficcionais da escrita literária ou a ruptura de padrões típicas do Jornalismo Literário, compõe-se como um texto leve e com toque de crônica, possibilitando ao leitor da Folha um momento de deleite diante das corriqueiras e pesadas notícias do dia a dia.

Ao discutir a hipótese de o obituário enquadrar-se como uma espécie de “perfil biográfico do morto”, obteve como constatação que as características do obituário, diferentemente do perfil, visam a um indivíduo, na maioria das vezes, sem grande fama na área ou, então, com certo reconhecimento local, exigindo, todavia, que este indivíduo esteja obrigatoriamente morto. O perfil, ao contrário, não se preocupa com o “estado de existência” do indivíduo, embora prefira pessoas com importância na área, notoriedade ocasional ou de grande reconhecimento midiático.

Diante disso, verificou que o perfil, um gênero exclusivamente interpretativo e com características vertidas para o Jornalismo Literário, busca como matéria-prima indivíduos vivos ou mortos com certa notoriedade ou fama ocasional, sem distinguir se vivo ou morto, podendo, portanto, ser um perfil, quando se traz um texto sobre a pessoa com características mais voltadas à personalidade ou à família; perfil biográfico quando, junto à primeira proposta, é elencada uma cronologia mais extensa de informações biográficas; e perfil biográfico do morto quando trazem as duas propostas anteriores na elaboração do texto sobre um morto. Além disso, os autores de perfis buscam pessoas de maior importância ou notoriedade ocasional.

O presente artigo ainda asseverou que o enquadramento do obituário enquanto variante do perfil pressupõe uma vontade de fazer do obituário brasileiro um gênero do jornalismo literário, tal qual ele tem se estabelecido em jornais como o *The New York Times*, desconsiderando as condições de produção e de elaboração do gênero no Brasil. A produção do obituário brasileiro ocorre em cerca

<sup>7</sup> Como ilustração, indicamos a leitura do perfil escrito por João Moreira Salles com o brilhantismo de um Jornalismo Literário de excelência. O texto foi publicado em uma edição especial da Revista Piauí que homenageava Artur Avila pela conquista da Medalha Fields. Para tanto, Cf. João Moreira Salles (2014), *Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema, Piauí*, Edição Especial, ago. 2014, p. 14-21.

de cinco horas, como informa Bertoni (*e-mail*), levando em consideração a seleção do morto, a pesquisa biográfica e a redação do obituário.

O foco do gênero produzido no Brasil é, portanto, a celebração da vida de um indivíduo que tenha ou não produzido algo de relevância para o grupo em que vivia, narrando esta história de maneira singela que, embora não seja típica à do Jornalismo Literário dos perfis e das biografias, insere alguns recursos da literatura para deixar o gênero mais leve e sem uma característica apenas noticiosa. Além disso, enquadra-se como um gênero informativo e utilitário de natureza fúnebre não só por trazer a informação de óbito junto à interpretação dos dados sobre a vida do indivíduo, mas também por exigir que ele esteja morto, a fim de que a função social de celebração da vida seja compreendida como um todo ilusório obtenha e o sentido de uma história de vida que mereça ser contada.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BERTONI, E. Ailton Tadeu Lamas (1964-2008): O PM parteiro e o pagode em velório. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C4, ano 88, n. 29.076, 10 nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. André Gondim Pereira (1982-2011): O computador e o transplante. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C6, ano 91, n. 30.171, 10 nov. 2011a.
- \_\_\_\_\_. Roberto Pires de Jesus (1975-2011) e Alex Damaceno de Souza (1984-2011): Duas vidas interrompidas na marginal. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C8, ano 91, n. 30.160, 10 out. 2011b.
- CAVALCANTI, J. R. A presença do conceito de gêneros de discurso nas reflexões de D. Maingueneau. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-p.448, maio/ago. 2013.
- CIMMINIELLO, M. C. S.; TAMBELLI, A. L. R. Obituário: um gênero em construção? *Revista Interfaces*, Suzano, ano 4, n. 3, p. 27-32, abr. 2012.
- COSTA, L. A. da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, J; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAROCCO, B. Fragmentos de vidas exemplares, *Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372-389, maio/ago. 2013.
- MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MARTINEZ, M. A vida em 20 linhas: obituários e jornalismo literário. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: 2012.
- \_\_\_\_\_. Uma questão de estilo: estudos dos obituários da Folha de S. Paulo. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p.28-35, jan./jul. 2013.

MARTINEZ, M. A vida em 20 linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de S. Paulo. *Intercom, Revista Brasileira de Ciência e Comunicação.*, São Paulo, v. 37, p. 71-90, jul./dez. 2014.

MERTEN, L. C.; PENNAFORT, R.; CIARELLI, M. Se transformou em um artista completo. *O Estado de S. Paulo*, Metrópole, A22-A23, ano 135, n. 44.000, 8 abr. 2014.

POSSENTI, S. Notas sobre gênero, uma questão teórica e metodológica, *Revista da ABRALIN*, v. 11, n. 2, p. 173-200, jul./dez. 2012.

SOLDADO morto por ladrões era conhecido como 'parteiro da PM'. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano 1, C2, ano 88, n. 29.074, 8 nov. 2008.

SALLES, J. M. Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema. *Piauí*, Edição Especial, p. 14-21, ago. 2014.

SERVA, L. *Um dia, uma vida*. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2015.

SILVA, A. K. dos S. *Obituário contemporâneo: vulgarização ou celebração da vida?*. Brasília/DF2009. 51f. Monografia (Comunicação Social) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (UniCEUB), Brasília, 2009.

STEFANELLI, R. Obituário é um elogio à vida: Para o diretor de Redação ao contar a trajetória dos que morreram, o DC imagina estar abraçando os familiares. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 out. 2013. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/diario-da-redacao/noticia/2013/10/obituario-e-um-elogio-a-vida-4299356.html>>. Acesso em: 13 out. 2013.

SUZUKI JR, M. A pauta de Deus. In: \_\_\_\_\_. *O livro das vidas: obituários no New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VILASBOAS, S. *Biografias & biografos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

VIVEU cercado por "italianidades". *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 02 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1569611-adone-fragano-1923-2014--viveu-cercado-por-italianidades.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

WITHMAN, A. The art of the obituary. In: \_\_\_\_\_. *The Obituary Book*. New York: Stein and Day/Publishers, 1971.

**Recebido em 14/03/2017. Aceito em 12/09/2017.**